

29/12/75

88

Querida Dora,

restringirei minha carta à tua pergunta de 12/12 se é possível trocar realmente de lugar. Trata-se, obviamente, da pergunta decisiva, no sentido de "decisão" ser querer mudar e fazê-lo. É a tua terminologia no entanto que me dificulta a resposta. Você diz: 'Penso em mudar tudo... Você encontrou novo centro distanciando-se daqui?' Pois claro que não se pode mudar "tudo", há condições insuperáveis, (as que Marx chama as "dignas"), por exemplo: não se pode deixar de ser ente histórico de fim do século 20, ou consumidor de ar e água, ou memória programada pela arte renascentista. O que se pode mudar são as condições superáveis, (as que Marx chama de "indignas"), e olhe lá que é muito difícil. E quanto a "centro", acho que o homem é ente excêntrico e que é isto, entre outras coisas, que o distingue da aranha ou de pinguim, (estou citando exemplos de K. Lorenz e eu nunca procurei deixar de ser centrífugo, já que os centrados, os "rajões", não me parecem serem modelos. Nos teus termos, portanto, a resposta é negativa: não se pode mudar tudo e não se pode encontrar novo centro (e o adjetivo "novo" é erro aonde não há "velho"). Mas os teus termos apenas encobrem um problema real ao radicalizá-lo. Se abandono a atitude "ou oito ou oitenta", a resposta passa a ser positiva: sim, pode se mudar muita coisa, e sim, pode encontrar-se posição melhor para existir-se no mundo. E como você me pediu resposta baseada em minha experiência, eis como vivencio o resultado da nossa decisão de mudar para a Europa:

A decisão foi lenta. Fomos várias vezes para cá desde 66 até 72, e voltamos sempre. Não que a Europa se tenha tornado sempre mais atrativa no curso dessa experiência, mas as voltas se iam tornando sempre mais penosas. Por uma multiplicidade de razões, (econômicas, sociais, políticas, culturais, climáticas, higiênicas etc.), mas que podem ser assim medidas: a vida em S. Paulo "custa" demais, se comparada com os resultados alcançados em termos de realização e de gozos. Em suma: o que se pode fazer é tão pouco, e o que se pode aprender e absorver é tão banal com relação aos esforços e gastos exigidos que se tornou para nós quase irracional querer teimar viver em SPaulo. No entanto, teimamos, por duas razões óbvias: os nossos filhos e amigos, e o nosso engajamento em coisas brasileiras. Até o ponto "decisivo", a partir do qual um dos pratos da balança superou definitivamente o outro.

Pois o sacrifício da decisão foi duro. Os nossos filhos estão nos fazendo falta, e a presença do Viki no momento o salienta. A nossa crescente alienação dos nossos amigos nos penaliza, e a presença atual dos Buenos o ilustra. O nosso engajamento nas coisas brasileiras passa a ser caricatura, e não foi substituído com outro comparável. Mas há co:

pensões que pesam, especialmente na nossa idade, na qual tudo passa a ser progressivamente urgente: trabalho mais concentradamente, publico em veículos mais condizentes ao meu pensamento, dou aulas para pessoas que podem aproveitar melhor as dúvidas que irradio, participo ativa- e passivamente de experiências mais variadas, aprendo muito, tenho vida mais intensa e de menor rotina, estou cercado de cultura e natureza mais estimulante, sou mais livre em muitos sentidos, (inclusive no da deslocação geográfica), e estou em convivência mais intensa e satisfatória com a Edith. E quanto ao meu engajamento: deslocou-se do nível social, (publicar e dar aula para alguém), para um nível epistemológico, (publicar algo e dar aula sobre algo). Não posso julgar se minha decisão, (e a da Edith, que era mais penosa que a minha), era boa, correta, ou qualquer que seja o termo. Sou visitado por dúvidas constantes, (e nisto não mudei desde SPaulo). Mas, indubitavelmente, vivo vida muito diferente. Mais desenraizada e menos alienada, (para formular a coisa de forma paradoxal).

Mas, minha cara amiga, continuo tão pessimista quanto em SPaulo com relação ao futuro em geral: creio que os valores que prezamos estão condenados. Isto não posso mudar com decisão alguma. Apenas me sinto subjetivamente muito melhor que em SPaulo: estou aproveitando os últimos momentos da vigência de tais valores. Estou sendo saudável: julgue tu.

Estou confuso e desmontado no momento. Tua carta calhou com o seguinte: reví meu primo David que não tenho visto 40 anos, e o qual é judeu ortodoxo que dedica sua vida ao estudo de Jesus. Engajei-me em experiências aqui que tem a liberdade por tema. O Viki chegou, admiravelmente amadurecido, mas caminhando em direção que não posso acompanhar. Os Buenos, amigos aos quais estamos ligados com laços sentimentais fortes, estão aqui e minam a pouca segurança que temos. Os Hechts estão aqui e ilustram, existencialmente, a futilidade do desenraizamento. E nossos novos amigos europeus, (franceses e italianos), estão mais próximos de nós vivencialmente que não são os amigos brasileiros, mas muito mais afastados sentimentalmente. Perdoe a confusão portanto, e diga se esta carta lhe é útil.

33-1-76

Caro amigo Fluesser:

Custo a responder tua carta, estranhamente para mim mesma! Tuas cartas sempre são muito importantes para mim. Foi um tempo de ruminação este. Na realidade quando eu disse: vontade de mudar tudo, eu visava bem mais alto do que a minha vida, obscuramente. Vontade de mudar o mundo, dar-lhe outro centro. Você interpreta mal a palavra centro. Tomo-o no sentido mais originário da palavra, por exemplo da tribo australiana dos Achilpa que vivem, cosmizam em tor no do kauwá-auwa, seu poste sagrado, que Numbakula estabeleceu ab origine e depois sumiu no céu. Pois é, Vilém. O mundo atirou-se ao caos, quebrou seu poste. Nada mais parece sagrado para o homem. Em voz baixa, eu te digo: só o sagrado existe. E o contágio do mundo aturde, vira-me de cabeça para baixo e então vai aquela carta. Cada vez me interessa menos a vida pessoal, organizada ou desorganizada. Sem um ideal, sem um centro (kauwa-auwa), só mesmo fazendo como os Achilpa. Uma vez quebrado o poste (narração de antropólogos conceituados, lapis na mão), vagam de um lado para outro porque perderam seu mundo, caíram no caos e então se sentam para morrer.

As dificuldades de trabalho ligam-se a questiúnculas tão miseráveis com pessoas, que nem é bom falar: ciumes, inveja e zaz; perde-se o importante, a meta.

Firmemente, só duas coisas agora se colocam: no dia 28 reuno em minha casa umas vinte pessoas ou pouco mais em torno do Rilke.

Vamos ouvir Das Marienleben, de Paul Hindemith, poemas de Rilke serão lidos e o que mais ocorrer. É pena não poder contar com você. E publico meu livro. Plagiando Marx, o Fr.Lepargneur disse que só escrevemos livros por não podermos mudar o mundo.

Não estou muito bem de saude como decorrência da séria preocupação com a operação da Diva - graças a Deus muito bem sucedida. Diva operou o coração, foi uma intervenção delicadíssima. Agora, eu fraquejei. Cansaço tremendo, pressão alta. Tenho que repousar, isso depois do dia 28, pois agora estou traduzindo os poemas a serem lidos para o português.

Flusser, e o teu livro sobre o gesto, o fazer? Que tal imitar o gesto exemplar de Numbakula e dar sentido em lugar de kaffkianamente acostumar-se ao não-sentido? É estranho, há pouco tempo constatei que Kaffka não me diz mais nada. É estranho, porque antes me dizia. Agora estou com os Achilpa et caterva.

Abraços a vocês ambos da

